

## A prática analítica em Bion – uma breve escrita<sup>1</sup>

VIVIANNE GUIMARÃES FULBER

*Se não for como a vida, não é psicanálise*  
(Wilfred R. Bion).

Bion traz para psicanálise uma abordagem intersubjetiva; essa concepção de duas pessoas que vivem uma “cumplicidade” propiciadora da busca da verdade emocional do momento vivido” (GERBER; FIGUEIREDO, 2011), o que me parece muito adequada para entender o que se dá em uma situação analítica. A teoria bioniana é vasta; Bion ultrapassa os fundamentos clássicos de Freud e de Melanie Klein, pois vai buscar na filosofia, na matemática e na física quântica elementos para construir sua teoria psicanalítica. Impossível abranger toda sua complexidade nesse brevíssimo ensaio. Desta forma, pretendo abordar algumas proposições e conceitos do autor que podem nos ajudar a pensar o dia a dia na clínica.

Para começar a entender Bion, também é preciso compreender que, para o autor, o pensamento é sempre um pensamento emocional; isso é fundamental em toda a sua teoria, inclusive, quando alerta que a vida não cabe em teorias psicanalíticas.

Nesse encontro de inconscientes, e aqui já em uma expressão bioniana; compreender a teoria é fundamental, mas esquecê-la na hora do atendimento é necessário. A prática clínica é única e cada sessão deve ser concebida como sendo sempre a primeira. Bion (2006, p. 55) afirma que o analista deve ir para a sessão “sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia, é preciso não se entreter com memórias e desejos”. O autor amplia a regra psicanalítica fundamental preconizada por Freud: “atenção flutuante + associação livre”. Recomenda ao analista se ater ao que se passa naquele momento único do setting; memória e desejo são baseados em impressões sensoriais preexistentes; “se despir de memória, desejo e compreensão prévia é fundamental para atingir a lógica emocional do Inconsciente” (GERBER; FIGUEIREDO, 2011, p. 89) e, com isso, facilitar o ato transferencial; o analista precisa se deixar tomar pelo “aqui e agora” da sessão. É preciso deixar eclodir o novo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Jornada de Formação do CPRS em 20 de março de 2021.

Sabemos que o “aqui e agora” não tem nada de simples, para ele convergem as questões presentes, passadas e mesmo futuras (desejadas e/ou temidas) de uma vida inteira. Mas a elas não chegamos por especulação ou construções teóricas: é sempre da escuta do aqui e agora do campo transferencial em cada sessão, em cada momento de uma sessão, que poderemos aprender com a experiência da psicanálise e criar condições para que os pacientes também o façam. (GERBER; FIGUEIREDO, 2011, p. 81).

Outra indicação importante de Bion refere-se à necessidade de o analista sonhar a sessão numa equivalência a situação de rêverie, capacidade materna (e do analista) de “funcionar como fonte de elaboração sensória e psíquica para o bebê” (DALLAZEN, 2020, p. 168); permanecer em uma atitude de poder decodificar essa primeira “comunicação”, significar, nomear as angústias do filho (e do paciente) e somente depois devolvê-las desintoxicadas (ZIMMERMAN, 1995, p. 98) – angústias essas denominadas de terror sem nome na concepção de Bion, e representação-coisa para Freud – permanecer em um estado mental aberto a receber quaisquer “objetos” do objeto amado (BION, 2006), contê-las, “digeri-las” e devolvê-las de forma adequada.

Durante essa interação espera-se que entre em campo a função continente-contido ou continente-conteúdo; em que a mãe/continente/analista se constitui em um lugar onde um objeto é projetado, enquanto o bebê/conteúdo/analizando é a massa de necessidades e angústias que podem ser projetadas no interior do objeto (ZIMMERMAN, 1995, p. 82). Para poder desenvolver sua continência aos conteúdos emocionais de seu analisando/bebê, o analista/mãe precisa permanecer em um estado de rêverie. Aqui, a identificação projetiva é a defesa básica. Comunicação primitiva entre mãe-bebê/analista-analisando. A maciça carga de identificação projetiva que o bebê evacua para o objeto é denominado por Bion de elemento-beta – impressões sensoriais e experiências emocionais ainda não simbolizadas – e que precisarão ser contidas e acolhidas pelo continente materno.

Dallazen (2020) sugere deslocar o olhar da identificação projetiva do paciente como defesa e/ou resistência para uma outra perspectiva, a de recurso de comunicação do analisando. Na concepção da autora “é por meio das fantasias inoculadas no analista pela identificação projetiva que este terá condições de convocar sua função de rêverie como possibilidade de significar algo dos conteúdos do paciente” (DALLAZEN, 2020, p. 168). É pela capacidade rêverie da mãe que se dá a transformação dos elementos-beta para elementos-alfa, a matéria-prima para a

crescente evolução da capacidade para pensar; segundo Zimmerman (1999, p. 100), uma verdadeira “alfabetização” emocional.

O analista, assim como na relação mãe e bebê, empresta seu aparelho de pensar para dar sentido ao que o analisando traz na sessão.

Grotstein (2017, p. 66) afirma que:

O conceito de Bion de sonhar a sessão analítica pode ser associado ao seu outro conceito que o analista “se torne o analisando”, não através da identificação ou fusão, mas simulando o estado emocional do analisando de modo sensível e íntimo. Em outras palavras, “tornar-se” não é o mesmo que “at-one-ment”, fusão ou identificação! É preciso estar separado do objeto com o qual se estabelece a empatia (tornando-se ele) para que a mente separada do analista possa funcionar.

Uma outra via de interação entre mãe-bebê se dá pela formação de vínculos – que também estarão presentes na sessão analítica –, definidos por Bion como “estrutura relacional-emocional entre duas pessoas ou mais pessoas, ou entre duas ou mais partes separadas de uma mesma pessoa” (ZIMMERMAN, 1999, p. 164). Se em Freud os conflitos se davam entre pulsão de morte e pulsão de vida, em M. Klein ocorriam entre amor e ódio. Bion vai além, pois aponta uma terceira natureza do vínculo: o do conhecimento/verdade. Assim, compõem seus esquemas referenciais os vínculos amor (L), ódio (H) e conhecimento (K). Importante salientar que em Bion, “o conflito se dá entre emoções e antiemoções presentes em um mesmo vínculo” (ZIMMERMAN, 1999, p. 164). Isto pode ser entendido que o ódio não é o contrário de amor, a antiemoção do amor pode ser compreendida como desamor ou – L. (Aqui faço uma referência ao filme russo “Desamor – Neliubóv” de 2017, do diretor Andrey Zvyagintsev – e uma tradução muito mais adequada do que a americana, *Loveless* - “Sem Amor”)<sup>2</sup>. Encarregados de vincular objetos, sentimentos e ideias uns aos outros, os três vínculos podem ser sinalizados de forma positiva (+) como negativa (-):

Um exemplo de - L. seria o caso de uma mãe que pode amar intensamente seu filho, porém ela o faz de forma simbiótica, possessiva e sufocante, de modo que embora sem ódio, o seu amor samaritano, cheio de sacrifícios pessoais e com renúncias ao prazer próprio, é de resultados negativos, .... já que impede o processo de separação e individuação do seu filho. (ZIMMERMAN, 1999, p. 165).

---

<sup>2</sup> A palavra desamor exprime de maneira precisa o tema de *Sem Amor*, abrangendo desprezo, repulsão, indiferença e o desgosto que não só levam os pais de Alexei ao divórcio, como revelam a ausência de estima de Zhenya e Boris pelo filho pré-adolescente de 12 anos. já separados, Zhenya e Boris passam a ser atormentados pelo desaparecimento do filho, até atingirem seu estágio final de indiferença, ela correndo na esteira do terraço, ele assistindo pela televisão as notícias sobre a intervenção militar da Rússia na Ucrânia. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/desamor-sem-perspectivas/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

O vínculo - K, a posição em que este está a serviço da desvitalização e a anulação dos significados das experiências emocionais, denominado de “ataque aos vínculos”, no processo analítico é uma forma de defesa do analisando para evitar o surgimento de uma verdade negada. São identificações projetivas lançadas na mente do analista, a fim de paralisar seus pensamentos, impossibilitando o desvelamento da verdade. (GERBER; FIGUEIREDO, 2011).

Na situação analítica:

Não se trata apenas de criar condições para que L e H se desenvolvam sob a dominância do Amor, isto é, das forças de integração intrapsíquica e intersubjetiva capazes de criar um aparelho para pensar tais afetos e emoções, mas que o vínculo K possa se desenvolver e se manter na forma de um contato verdadeiro consigo mesmo e com os outros. (ZIMMERMAN, 1999, p. 77)

Um terceira interação entre a mãe e o bebê se dá na forma de respostas as frustrações – classificadas como **frustrações adequadas** – que promove o crescimento e a capacidade de pensar e simbolizar; as **frustrações escassas ou tímidas** – resultando em uma situação contrária da anterior; **frustrações incoerentes** – levam a criança a um estado de confusão e ambiguidade; **frustrações excessivas** – “resultado de intensas privações enfrentadas pelo bebê, que promovem sentimentos agressivos-destrutivos” (ZIMMERMAN, 1999, p. 100). Na prática analítica, Bion vai dizer que “o que importa ao psicanalista situa-se entre os comportamentos destinados a fugir à frustração e os que a modificam” (ZIMMERMAN, 1999, p. 87).

Outro conceito fundamental na prática analítica de Bion é de capacidade negativa. Intimamente ligado a premissa já desenvolvida acima da posição “sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia”; para alcançar essa capacidade, o analista precisa chegar a um estado de “segurança”, ou seja, “manter a paciência” sem a busca irritável por fato e razão até que um padrão evolua. Um estado segundo Bion, “análogo ao que Melanie Klein denominou de posição depressiva”. Capacidade de ser paciente, de suportar as dúvidas, as incertezas e o não saber. Não agir movido pela ansiedade e esperar o momento de interferir. Conter dentro de si a emergência de sentimentos muito difíceis, muitas vezes despertados pela contratransferência. Bion aponta que o conceito de arrogância, no analista manifesta-se como a possível dificuldade de reconhecer o que desconhece e poder então aprender com a experiência emocional vivida com seu analisando na

turbulência criativa do encontro. E ainda “que o analista crente de suas certezas produz uma falsa relação analítica”

Para finalizar, importante destacar a concepção em Bion da não existência de uma “cura mental”, mas sim de um crescimento e expansão mental “da qual participam os elementos das características inatas da personalidade em conjunto com as experiências emocionais, sendo que o fator determinante é a qualidade das emoções” (ZIMMERMAN, 1995, p. 82).

Bion aposta em transformações infinitas -trans+formar, ou seja, formar para além, na aquisição de novas formas no paciente, no analista e no processo psicanalítico (ZIMMERMAN, 1995, p. 101). Que a construção do nosso aparelho para pensar a experiência emocional (ZIMMERMAN, 1995, p.82) se dá em um processo dialético de confrontos e correlações que passam por momentos, também de caos e de incertezas.

Por outro lado, vimos que, em psicanálise, O é tudo aquilo que é desconhecido no paciente, o que ainda não apareceu e não evoluiu, enquanto, na pessoa do analista, O é o seu ponto de partida do desconhecido, isto é, o seu vértice psicanalítico. Esse O pode evoluir muito, amparado na sua intuição, até a formulação da interpretação. Assim, a transformação de K em O significa as interpretações transformarem o “saber acerca de algo” (por exemplo, o caso de um insight unicamente intelectual-cognitivo) em “vir a ser esse algo” (no caso, insight colaborativo e verdadeiramente transformador). (ZIMMERMAN, 1995, p. 171).

## REFERÊNCIAS

BION, W. R. **Atenção e interpretação**. Trad. Paulo Cesar Sander. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Imago, 2006.

DALLAZEN, Lizana. **A perlaboração da Contratransferência: A Alucinação do Psicanalista como Recurso das Construções em Análise**. São Paulo: Blucher, 2020.

GERBER, Ignácio; FIGUEIREDO, Luis Claudio. **Por que Bion?** São Paulo: Escuta, 2011.

GROTSTEIN, James S. “...no entanto, ao mesmo tempo e em outro nível...”: Aplicações Clínicas na linha Kleiniana/Bioniana. vol. 2. São Paulo: Blucher, 2017.

ZIMMERMAN, David. E. **Bion: da teoria à prática – Uma leitura didática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ZIMMERMAN, David. E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – Uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.